

DRÁCULA

Bram Stoker

O MÉDICO E O MONSTRO

Robert Louis Stevenson

O MORTO-VIVO DA

COLINA VERDE

Leo Cunha

COORDENAÇÃO MARCIA KUPSTAS

ILUSTRAÇÕES CEZAR LANDUCCI



1ª edição

Conforme a nova ortografia

Coleção Três por Três

Gerente editorial

Rogério Gastaldo

Assistentes editoriais

Jacqueline F. de Barros / Kandy Sgarbi Saraiva

Revisão de texto

Pedro Cunha Jr. e Lilian Semenichin (coords.)

Cid Ferreira / Alexandra Costa / Ana Carolina Nitto

Pesquisa iconográfica

Cristina Akisino (coord.)

Gerente de arte

Nair de Medeiros Barbosa

Assistente de produção

Grace Alves

Diagramação

Edsel Moreira Guimarães

Coordenação eletrônica

Silvia Regina E. Almeida

Colaboradores

Projeto gráfico

Estúdio Graal

Ilustrações

Cesar Landucci

Coordenação

Marcia Kupstas

Suplemento de leitura e projeto de trabalho interdisciplinar

Isabel Cabral

Preparação de textos

Edilene Martins dos Santos / Jacqueline F. de Barros

Impressão e acabamento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cunha, Leo

Três terrores / [adaptação] Leo Cunha; ilustrações Cesar Landucci — 1. ed. — São Paulo : Atual, 2007. — (Coleção três por três : clássicos juvenis / coordenação Marcia Kupstas)

Conteúdo : Drácula / Bram Stoker — O médico e o monstro / Robert Louis Stevenson — O morto-vivo da Colina Verde / Leo Cunha.

Acompanha suplemento de leitura e projeto de trabalho interdisciplinar.

ISBN 978-85-357-0771-7

1. Literatura infantojuvenil I. Stoker, Bram, 1847-1912. II. Stevenson, Robert Louis, 1850-1894. III. Cunha, Leo. IV. Landucci, Cesar. V. Kupstas, Marcia. VI. Série.

07-4147

CDD-028-5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

14ª tiragem, 2016

Copyright © Leo Cunha, 2007.

SARAIVA Educação Ltda.

Av. das Nações Unidas, 7.221 - 2º andar - Pinheiros

CEP 05425-902 - São Paulo - SP

Todos os direitos reservados.

0800-0117875

De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30

www.editorasaraiva.com.br/contato

SUMÁRIO

Prefácio

Três terrores clássicos 7

DRÁCULA 9

Bram Stoker 10

1. Nas curvas da Transilvânia 11
2. Encontrando o conde 15
3. Estranhas visões 20
4. Um sono nada inocente 23
5. Espera angustiante 25
6. Perigo na escuridão 27
7. O reencontro 29
8. Sofrimento sem fim 31
9. As garras da morte 35
10. Más notícias 38
11. O túmulo aberto 40
12. Uma alma em paz 44
13. Golpe inesperado 48
14. Caça ao vampiro 51



○ MÉDICO E O MONSTRO 55

- Robert Louis Stevenson 56
1. O estranho caso da porta 57
 2. Em busca do sr. Hyde 60
 3. Dr. Jekyll bem à vontade 64
 4. O assassinato de Carew 66
 5. O episódio da carta 68
 6. O notável incidente do dr. Lanyon 70
 7. Encontro à beira da janela 72
 8. A última noite 73
 9. O relato do dr. Lanyon 79
 10. O depoimento de Henry Jekyll 83



○ MORTO-VIVO DA COLINA VERDE 91

- Leo Cunha 92
1. Fantasmas, caveiras, etc. 93
 2. Um estranho velório 93
 3. Subindo a colina verde 96
 4. De volta ao cemitério 100
 5. Um sonho iluminado 105
 6. A Poção de Afugentar a Morte 109
 7. Sábado no parque 111
 8. De volta à colina 113
 9. Encontro com o morto-vivo 115
 10. O outro lado do segredo 117
 11. Para sempre 119



TRÊS TERRORES CLÁSSICOS

Três autores, três épocas, três lugares... e um tema central, reunindo três diferentes narrativas. Quantas semelhanças pode haver entre essas histórias, quantas são suas particularidades...

Certos assuntos ou personagens que inspiram medo são tão antigos quanto o próprio homem. Sem dúvida, tememos a morte; mas tememos ainda mais a imortalidade sobrenatural. Vangloriamos-nos da nossa razão e do nosso conhecimento, mas reconhecemos nossos instintos maldosos e desconfiamos daqueles que deliberadamente transcendem o bem e o mal, usando os recursos da magia ou da ciência.

Dois clássicos literários que retratam esses assuntos estão aqui reunidos – *Drácula*, de Bram Stoker, e *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson, associados a *O morto-vivo da colina verde*, de Leo Cunha.¹ Esses “monstros” literários nos apavoram e fascinam pela sua trágica possibilidade de escapar do destino comum dos homens. Em *Três terrores*, um deles é um vampiro milenar, que sobrevive de sangue humano; o outro é um homem comum, mas que usa de um artifício para liberar seu “lado negro”; na última história, um aparentemente pacato morador de uma cidadezinha renasce durante o próprio velório. O vampiro, o louco demoníaco, o morto-vivo... e mais: a bruxa, o caçador de vampiros, o cientista maluco, todos esses personagens se reúnem, de um modo ou de outro, nessas três histórias, compondo um curioso painel dos personagens de terror e mistério que assombram a mente humana há tantos séculos.

Como escreveu Stephen King, autor contemporâneo do gênero terror, “se *Drácula* nos deixa com a impressão de termos sido esmagados por um muro de terror de quatrocentas páginas, *O médico e o monstro* é como o golpe súbito e mortal de um furador de gelo”. Mais do que causar

¹ Em razão do formato da coleção, não foi possível juntá-los à criatura do dr. Frankenstein, da obra de Mary Shelley, considerado por muitos o precursor da ficção científica (o livro *Frankenstein* foi escrito em 1816, quando a autora contava 19 anos).

arrepios, os personagens dessas obras eternizaram-se como símbolos clássicos das figuras aterrorizantes no imaginário popular universal.

É claro que a figura do vampiro já existia antes de o produtor teatral irlandês Bram Stoker escrever *Drácula*, em 1897. O mito do ser humano que transcende a morte bebendo o sangue de outros humanos permeia culturas tão díspares como a chinesa, a suméria ou as do norte da Europa. Mas a popularidade do livro, da peça teatral e do filme deu o contorno definitivo a esse ser na pele — pálida, é claro — do conde Drácula, da Transilvânia.

Do mesmo modo, a ideia do bem opondo-se ao mal é frequente em diversas religiões e doutrinas; o que Stevenson fez foi levar essa dicotomia ao mais absoluto extremo. Dr. Jekyll é o homem bom e pacífico que, ao tomar uma poção descoberta por ele, libera todos os seus instintos de degeneração e crueldade. Poção misteriosa também está na razão da ressurreição de Zequinha, de *O morto-vivo da colina verde*. Em um registro juvenil e bem-humorado, Leo Cunha rastreia as peripécias do narrador, que se junta a seus amigos para desvendar esse mistério.

Entretanto, a coleção **Três por Três** pretende não só aproximar essas narrativas pelo tema central, mas permitir que o leitor identifique suas diferenças. E, nesse ponto, época e lugar também revelam sua importância... Leo Cunha é brasileiro do século XXI, fruto da popularização das recriações desses mitos no cinema, na TV e na literatura de tantos autores. Sua narrativa mantém-se em dois patamares: ora registra com seriedade a possibilidade da existência de uma “poção antimorte”, ora apresenta seus personagens adolescentes como um grupo de caça-fantasmas de sessão-pipoca na TV. O resultado é uma recriação que permite um diálogo enriquecedor a respeito desses mitos e personagens que assombram nossa imaginação.

A proposta inovadora da coleção **Três por Três** consiste na adaptação modernizada de textos antigos, de autores significativos da literatura universal, que dialogam com uma história de um escritor brasileiro, também autor das adaptações. E tem como desafio maior seduzir o jovem leitor para que conheça o que já foi feito em outras épocas sobre temas que, mesmo em nossos dias, continuam relevantes e desafiadores.

Boa leitura!

Marcia Kupstas

DRÁCULA

Bram Stoker



Adaptação de Leo Cunha

BRAM STOKER.

Irlandês, Abraham (Bram) Stoker nasceu em Dublin, em 1847, e faleceu em Londres, em 1912. Teve várias profissões: servidor público, crítico e produtor teatral, jornalista e editor de jornal. No tempo em que morou na Irlanda, trabalhou, tal como seu pai, no Castelo de Dublin. Estudioso de Filosofia e História, formou-se na Universidade de Dublin, onde também fez o mestrado.

Mas não foi na carreira acadêmica que se consagrou, nem mesmo nas posteriores, de administrador e autor teatral. Seu nome se imortalizou como o autor de Drácula, um dos livros mais assustadores e inspiradores do gênero terror.

Em 1871, Stoker publicava pequenas críticas não remuneradas no jornal Dublin Evening Mail quando conheceu o ator Henry Irving, que excursionava numa companhia itinerante. Essa amizade cresceu, tornou-se forte e perdurou por mais de trinta anos, até a morte do ator, em 1905.

Em 1878, Irving convidou Stoker para assumir a direção do Royal Lyceum Theater, em Londres. Bram aceitou e mudou-se para lá com a esposa, Florence Balcombe. No ano seguinte, nasceu seu único filho, Noel.

Dividia suas atividades de produção e crítica teatral com a literatura, tendo escrito e editado contos em jornais e revistas londrinas.

Em 1890, começou uma história sobre um vampiro, inspirado pela leitura de Carmilla, de Sheridan Le Fanu, e por um pesadelo. Esse foi o embrião de Drácula, publicado em 1897.

Na época da edição, nada indicava que aquela “boa história” de terror alcançaria a celebridade posterior. Houve uma versão teatral, encenada por atores do Lyceum, mas sem grande repercussão.

Outras obras de Stoker, como Os sete dedos da morte (1903), O caixão da mulher-vampiro (1909) ou O monstro branco (1911), também não se destacaram.

Ao morrer, Stoker não era um homem rico. Sua viúva vivia dos poucos direitos autorais da sua obra e, em 1921, quando o diretor alemão Murnau filmou Nosferatu, baseado no livro de Stoker, Florence o processou e ganhou a causa. Em 1924, o dramaturgo Hamilton Deane conseguiu a permissão de Florence para adaptar o romance para o teatro, com grande sucesso. Bela Lugosi representava o conde Drácula, e depois também lhe deu vida no cinema.

Em 1931, o filme Drácula imortalizou o personagem e o livro de Stoker se tornou um clássico, popularizado em todo o planeta.



1

NAS CURVAS DA TRANSILVÂNIA

O JOVEM ADVOGADO JONATHAN Harker acordou ansioso, com medo de perder o trem. Que noite atormentada! Além dos estranhos pesadelos, o latido insistente dos cães, do lado de fora do hotel. Tomou o café com pressa, mas, quando chegou à estação, viu que o trem, mais uma vez, estava atrasado. Era muito curioso: quanto mais ele avançava para o oriente, mais imprecisas eram as partidas. Ainda bem que não estava indo à China, ou não chegaria nunca à sua reunião de negócios com o tal conde Drácula.

À medida que se aproximava dos montes Cárpatos, Jonathan se sentia adentrando um novo mundo, com paisagens exóticas e um povo rústico, misterioso, cheio de superstições. Quando chegasse ao castelo, não poderia se esquecer de perguntar ao conde sobre aquelas crendices.

Pelo que pesquisara nas bibliotecas de Londres, a região era uma das mais primitivas da Europa. Não encontrou nenhuma referência específica sobre o castelo de Drácula, mas viu que a cidade de Bistritz, sua última escala, era uma das mais conhecidas da Transilvânia.

Chegou à cidade ao anoitecer, a tempo de ver, ao longe, o imponente desfiladeiro de Borgo. “Que paisagem impressionante”, pensou. E desejou voltar ali um dia, ao lado de sua noiva, Mina. Foi recebido à porta do Hotel Coroa Dourada por uma típica camponesa, de avental colorido muito justo e um grande sorriso no rosto:

— Você é o cavalheiro inglês?

— Eu mesmo, Jonathan Harker.

Ela lhe entregou, então, um bilhete escrito pelo conde:

Bem-vindo à Transilvânia, meu amigo. Aguardo ansiosamente a sua chegada. Reservei para você o melhor assento na diligência para Bucovina, que sai daí às três da tarde. Minha carruagem vai esperá-lo diante do desfiladeiro de Borgo. Espero que aproveite bem sua estada em minha linda terra.

Do seu amigo,

Drácula.

No dia seguinte, quando se preparava para deixar o hotel, Jonathan quis saber mais sobre seu anfitrião.

— Vocês conhecem o castelo? — perguntou ao casal dono do estabelecimento.

Os dois desconversaram, parecendo não entender a pergunta. O inglês achou aquilo muito estranho, pois na noite anterior tinham compreendido perfeitamente o seu sotaque.

— Já se encontraram com o conde alguma vez? — insistiu o rapaz.

— Eu não sei de nada — retrucou o dono, fazendo o sinal da cruz.

— Vamos mudar de assunto.

Sua esposa chegou bem perto de Jonathan e falou em voz baixa e muito nervosa:

— O senhor precisa mesmo ir? Não pode evitar?

— Não. Trata-se de uma reunião urgente de negócios.

— Mas o senhor sabe que dia é hoje? — ela perguntou, tremendo, com os olhos arregalados. — É véspera do Dia de São Jorge. Quando bater meia-noite, todas as criaturas do mal estarão à solta! O senhor não imagina o que lhe espera!

E, ajoelhando-se, implorou que Jonathan não seguisse viagem.

— Agradeço muito a sua consideração, minha senhora, mas...

A hoteleira tirou o rosário do pescoço, beijou o crucifixo e entregou-lhe com lágrimas nos olhos.

— Aceite, nem que seja pela sua mãe — ela pediu, percebendo o desconforto de Jonathan, que não era católico.

Incomodado pelos temores da velhinha, pelo rosário e pelas crenças fantasmagóricas daquele lugar, Jonathan deu um longo suspiro. A carruagem para Bucovina acabava de chegar.

Enquanto tomava seu lugar, notou que o cocheiro conversava com a

dona do hotel. Era óbvio que falavam sobre ele, pois de vez em quando o olhavam disfarçadamente e balançavam a cabeça, horrorizados. Como tinha estudado um pouco da língua local, consegui reconhecer algumas palavras: *ordog* (satanás), *pokol* (inferno), *stregoica* (feiticeiro), *vrolok* (vampiro). Quando o cocheiro estalou o chicote e os cavalos partiram, muita gente já se amontoava à frente do hotel e quase todos olhavam para o inglês com cara de pena.

O passageiro ao lado, ao descobrir o destino de Jonathan, tirou do bolso um pequeno objeto:

— É para mau-olhado — explicou num inglês com forte sotaque.

Porém, os temores de Jonathan foram se dissipando à medida que observava a linda paisagem ao redor. De um lado, os cumes imponentes dos Cárpatos, do outro uma profusão de matas, florestas, frutos e flores, de todas as cores. A estrada era muito acidentada e íngreme, mas o cocheiro parecia voar sobre ela, como se quisesse alcançar o desfiladeiro o mais rápido possível. Nem mesmo quando o sol começou a baixar no horizonte e as sombras se alongaram no chão, a carruagem diminuiu o ritmo.

Com medo de um acidente, Jonathan perguntou se não poderia desembarcar e terminar a pé o trajeto.

— Nada disso — respondeu o cocheiro. — Esta região é cheia de cães ferozes. Além do mais, não sabe o que o espera lá em cima...

Os outros passageiros não riram da brincadeira. Pelo contrário, fizeram um silêncio respeitoso, como se soubessem que algo de incomum estava para ocorrer. Mas ninguém explicou nada a Jonathan: um por um, ofereceram-lhe presentes, acompanhados de bênçãos, olhares piedosos e o repetido sinal da cruz.

A noite trouxe um frio cortante e, na escuridão, as árvores pareciam se fechar sobre a estrada, como numa emboscada. A única luz visível era a da própria carruagem, fazendo brilhar o suor dos cavalos, totalmente fatigados com a velocidade da viagem. De repente, após uma curva, surgiu o desfiladeiro. Trovões ressoaram e todos se encolheram. Jonathan olhou ao redor, mas não havia sinal da condução que o levaria ao castelo.

— Chegamos uma hora adiantados — anunciou o cocheiro, para alívio dos passageiros. Em seguida, virou-se para Jonathan: — Como o senhor vê, não há ninguém aqui a sua espera. É melhor vir comigo e voltar outro dia, porque...

Foi interrompido pelo barulho dos cavalos, que começaram a empinar e relinchar feito loucos. No mesmo instante, uma carruagem parou ao